

## CONCURSO DE REDAÇÃO: "EU, MINHA CIDADE E OS 300 ANOS DO CICLO DO OURO EM MINAS"

### EDITAL

#### 1 – APRESENTAÇÃO

*"O Brasil nunca mais foi o mesmo depois que apareceram as primeiras pedras douradas no sertão de Minas Gerais. Nos 100 anos que se seguiram às primeiras notícias sobre a descoberta do ouro, em 1693, o que se viu foi a maior transformação social, política e econômica de todos os tempos. Todo o interior do País foi colonizado, o dinheiro gerado pela extração do ouro – e também dos diamantes – financiou o surto industrial europeu e fez começar a nascer um tipo muito especial de brasileiros. O mineiro."*

(Ivan Ângelo)

A Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais – ALMG –, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais – SEE/MG –, promove o presente concurso em comemoração aos 300 anos de três das principais cidades integrantes do Ciclo do Ouro em Minas Gerais – Ouro Preto, Mariana e Sabará –, que fizeram deste Estado, no período colonial, a Capitania mais rica e populosa do Brasil.

Pessoas de todas as condições – brancos, pardos, negros e índios, pobres e ricos, nobres e plebeus, homens e mulheres, jovens e velhos, clérigos e religiosos de diversas congregações, livres e escravos, moradores de diferentes lugares do Brasil-Colônia e estrangeiros – chegavam às regiões conhecidas como "vilas do ouro".

Devido à grande importância da atividade mineradora na época, essas cidades, povoadas por pessoas de origens tão diversas, exerceram grande influência em nossa formação cultural, deixando-nos um legado muito rico, com elementos que estão presentes em nossas vidas até hoje, como a alimentação, a religiosidade e a música.

Você conhece a história da sua cidade? Você acha que o que aconteceu em Minas no período colonial, 300 anos atrás, teve ou ainda tem alguma influência no que aconteceu ou acontece na sua cidade, na sua região? Se você quisesse apresentar

para alguém que viverá daqui a 300 anos a sua cidade ou a forma como seus habitantes vivem, o que você destacaria e por quê?

Pesquise um pouco sobre a história de Minas e de sua cidade, compare essas histórias, reflita sobre a realidade de seu Município e de seu povo e participe do concurso.

## **1.1 – TEMA**

“Eu, minha cidade e os 300 anos do Ciclo do Ouro em Minas”.

## **1.2 – OBJETIVOS**

**1.2.1** – Reforçar o sentimento de pertencimento à sociedade por meio da reflexão sobre os elementos que constituem a identidade mineira;

**1.2.2** – Promover a aproximação entre os jovens e as instituições públicas, de maneira qualificada, por meio da reflexão sobre as questões de interesse público e geral, revigorando o sentido da vida em coletividade;

**1.2.3** – Difundir entre os jovens a compreensão de que a história é dinâmica, que a sociedade está em constante movimento e que cada cidadão é um ator participante desse processo;

**1.2.4** – Estimular a pesquisa, a observação e a criatividade;

**1.2.5** – Propiciar a discussão crítica sobre o processo do registro histórico, considerando os seus aspectos objetivos e subjetivos;

**1.2.6** – Estimular a reflexão e a expressão como elementos fundamentais da participação cidadã na esfera pública e no sistema político formal;

**1.2.7** – Proporcionar a aplicação dos recursos expressivos da linguagem na produção textual e verificar a capacidade de contextualização e aproveitamento do conhecimento acumulado e das experiências pessoais na elaboração de um texto coerente.

## **1.3 – PÚBLICO DE INTERESSE**

Alunos matriculados nos anos finais do ensino fundamental regular (6º ao 9º ano) e no ensino médio regular das escolas públicas municipais, estaduais e federais localizadas no Estado de Minas Gerais.

## **1.4 – PRAZOS**

**1.4.1** – Elaboração, seleção e encaminhamento das redações às Superintendências Regionais de Ensino – SREs – pelas escolas participantes: até 8 de julho de 2011.

**1.4.2** – Encaminhamento das redações à SEE/MG pelas SREs: até 10 de agosto de 2011.

**1.4.3** – Resultado final: 1º de setembro de 2011.

**1.4.4** – Premiação: outubro de 2011.

## **1.5 – PREMIAÇÃO**

**1.5.1** – Os autores das redações vencedoras receberão um “notebook”.

**1.5.2** – Os professores orientadores das redações vencedoras receberão um “notebook”.

**1.5.3** – As escolas a que pertencerem os autores das redações vencedoras também serão premiadas.

**1.5.4** – Os alunos vencedores, acompanhados de representante legal, os respectivos professores orientadores e diretores das escolas participarão da solenidade de premiação em Belo Horizonte e de passeio turístico ao Município de Ouro Preto, com as despesas de transporte, hospedagem e alimentação pagas pela ALMG.

## **1.6 – INFORMAÇÕES**

Secretaria de Estado de Educação

Tel.: (31) 3915-3762 e 3915-3764

Internet: [www.educacao.mg.gov.br](http://www.educacao.mg.gov.br)

Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais

Tel.: (31) 2108-7256

“E-mail”: [concursoderedacao@almg.gov.br](mailto:concursoderedacao@almg.gov.br)

Internet: [www.almg.gov.br](http://www.almg.gov.br)

## **2 – REGULAMENTO**

A Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais – ALMG –, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação – SEE/MG –, promove o concurso de redação “Eu, minha cidade e os 300 anos do Ciclo do Ouro em Minas”, em comemoração aos trezentos anos das cidades de Ouro Preto, Mariana e Sabará, nas seguintes condições:

## **2.1 – DOS PARTICIPANTES**

**2.1.1** – Poderão participar alunos matriculados no ensino regular das escolas públicas municipais, estaduais e federais localizadas no Estado de Minas Gerais, em duas categorias, a saber:

**2.1.1.1** – Anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano); e

**2.1.1.2** – Ensino médio.

## **2.2 – DAS CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO**

**2.2.1** – Cada aluno poderá participar com uma única redação, a ser produzida em sala de aula, na presença do professor orientador.

**2.2.2** – A redação deverá ser escrita de próprio punho, com letra legível, observando-se o limite mínimo de 25 e o máximo de 40 linhas, em tinta preta ou azul.

**2.2.3** – O candidato deverá discorrer sobre o tema apresentado nos itens 1 e 1.1 deste edital e apresentar um título adequado para a redação.

## **2.3 – DA ETAPA ESCOLAR**

**2.3.1** – A primeira etapa será realizada nas escolas, mediante a participação de qualquer dos alunos a que se refere o item 1.3 deste edital.

**2.3.2** – A direção da escola participante deverá constituir comissão própria para selecionar as duas redações que irão representá-la na Etapa Regional, uma para cada categoria, conforme subitens 2.1.1.1 e 2.1.1.2.

**2.3.3** – A escola participante será responsável por remeter as redações selecionadas de que trata o subitem 2.3.2 à Superintendência Regional de Ensino – SRE – à qual está vinculada.

**2.3.4** – As redações selecionadas, uma por categoria, deverão ser transcritas manualmente pelos próprios autores, com letra legível, em formulário próprio fornecido pelos realizadores do concurso.

**2.3.5** – A escola participante deverá preencher a ficha de inscrição, anexa ao formulário.

**2.3.6** – As duas redações selecionadas pela escola deverão ser colocadas, juntamente, em envelope fornecido pelos realizadores do concurso, o qual deverá ser lacrado e preenchido com as seguintes informações: nome da escola, Município, SRE e as categoria nas quais concorre.

**2.3.7** – Realizado o procedimento previsto no subitem 2.3.6, o envelope deverá ser enviado para a respectiva SRE, até o dia 8 de julho de 2011.

## **2.4 – DA ETAPA REGIONAL**

**2.4.1** – Caberá ao(à) Diretor(a) de cada SRE formar Comissão Julgadora para a seleção das redações no âmbito regional.

**2.4.2** – A Comissão Julgadora a que se refere o subitem 2.4.1 será integrada por membros da própria SRE e da Secretaria de Educação do Município onde se localiza sua sede.

**2.4.3** – No encaminhamento das redações para a análise da Comissão Julgadora será garantida a não identificação dos autores, dos professores e das escolas de origem.

**2.4.4** – A Comissão Julgadora selecionará, com base nos critérios estabelecidos no item 2.5 deste edital, uma redação na categoria ensino fundamental e uma redação na categoria ensino médio, totalizando duas redações vencedoras por SRE.

**2.4.5** – As redações vencedoras de cada SRE, uma por categoria, deverão ser encaminhadas, com suas respectivas fichas de inscrição, para a Diretoria de Temáticas Especiais – DITE – da SEE/MG, por meio de malote, até o dia 10 de agosto de 2011.

**2.4.6** – A Comissão Julgadora é soberana em seus julgamentos, não cabendo recursos das decisões que proferir.

## **2.5 – CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO**

**2.5.1** – No julgamento dos trabalhos, em qualquer das fases, serão considerados:

**2.5.1.1** – Coerência com o tema “Eu, minha cidade e os 300 anos do Ciclo do Ouro em Minas”;

**2.5.1.2** – Adequação do título ao texto;

**2.5.1.3** – Originalidade e ineditismo;

**2.5.1.4** – Ordenação e encadeamento lógico das ideias;

**2.5.1.5** – Correção gramatical e ortográfica.

**2.5.2** – Será facultativa a adoção do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente no Brasil a partir de janeiro de 2009.

## **2.6 – DOS PRAZOS**

**2.6.1** – As escolas participantes terão até o dia 8 de julho de 2011, impreterivelmente, para promover a seleção e o encaminhamento das redações à SRE à qual é vinculada, considerando, para esse fim, a data de remessa do material.

**2.6.2** – A Comissão Julgadora constituída no âmbito de cada SRE terá até o dia 10 de agosto de 2011, impreterivelmente, para proceder à seleção e ao encaminhamento das redações vencedoras à DITE/SEE/MG, considerando, para esse fim, a data de remessa do material.

**2.6.3** – A listagem com os nomes dos 94 alunos vencedores (47 de cada categoria) e suas respectivas escolas será divulgada no dia 1º de setembro de 2011, nos “sites” da ALMG ([www.almg.gov.br](http://www.almg.gov.br)) e da SEE/MG ([www.educacao.mg.gov.br](http://www.educacao.mg.gov.br)).

**2.6.4** – A entrega da premiação será realizada na ALMG, no mês de outubro de 2011, em solenidade a ser agendada e oportunamente divulgada.

## **2.7 – DA PREMIAÇÃO**

**2.7.1** – Todas as escolas participantes receberão diplomas.

**2.7.2** – Serão premiados, no âmbito de cada SRE:

**2.7.2.1** – Um aluno por categoria;

**2.7.2.2** – O professor que orientou o trabalho;

**2.7.2.3** – A escola na qual o aluno vencedor estuda.

**2.7.3** – Total de premiados: 94 alunos (dois alunos por SRE, um em cada categoria); os respectivos professores (dois professores por SRE) e suas respectivas escolas.

**2.7.4** – Os alunos vencedores, acompanhados de 1 (um) representante legal, os respectivos professores orientadores e diretores das escolas participarão da solenidade de premiação em Belo Horizonte e de passeio turístico ao Município de Ouro Preto, com as despesas de transporte, hospedagem e alimentação pagas pela ALMG.

**2.7.5** – As redações vencedoras serão publicadas em caderno especial.

## **3 – DOS DIREITOS PATRIMONIAIS**

**3.1** – Os direitos autorais sobre as redações participantes deste concurso pertencem à ALMG e à SEE/MG, nos termos do art. 111 da Lei Federal nº 8.666, de 21 de junho de 1993, reservando-se às instituições, a seu critério, o direito de divulgação, utilização e publicação dos trabalhos.

## **4 – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

**4.1** – As redações participantes deste concurso não serão devolvidas aos autores.

**4.2** – Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora.

**4.3** – Este manual está disponível para “download” no “site”: [www.almg.gov.br](http://www.almg.gov.br).

## **Abrindo horizontes**

### **Minas, memória cultural e cidadania**

Roniere Menezes

"Velho Chico vens de Minas,  
Onde o oculto do mistério se escondeu."  
Caetano Veloso

Existem várias maneiras de se trabalhar com o tema cidade e cidadania e ligá-lo aos temas cultura, educação e juventude. Quando pensamos em cidades históricas, aparecem novos componentes na composição do diagrama: que signos e objetos fazem de determinado lugar uma cidade histórica? Que políticos e demais homens públicos atuaram e deixaram suas marcas nesses espaços? Que artesãos, artistas plásticos, arquitetos, músicos e poetas criaram ícones, construíram obras que se tornariam símbolos fundamentais da identidade de um povo? Como os acontecimentos e as produções ocorridos em determinado lugar, em certo período, podem funcionar como uns dos principais fundamentos do imaginário a respeito de Minas e do Brasil?

Em 2011, estamos comemorando os trezentos anos de Ouro Preto, Sabará e Mariana, três séculos do "Ciclo do Ouro". O que sabemos a respeito desses lugares, a respeito de seu patrimônio histórico-cultural? Ao pensarmos nessas três representativas cidades do Estado de Minas Gerais, podemos imaginar vários olhares possíveis para os monumentos, para os cidadãos que viveram no passado; mas podemos também pensar nas cidades do presente, nas mesclas existentes entre passado colonial e progresso, império e república, tradição cultural e vanguarda, bucolismo e novas tecnologias. No mapa de Minas, povoados e municípios foram surgindo a partir dos caminhos dos bandeirantes, dos que buscavam ouro, pedras preciosas e semi-preciosas, dos agricultores e pecuaristas que desejavam ampliar limites territoriais, dos migrantes, dos índios e negros que fugiam da opressão, daqueles que procuravam lugares promissores para o trabalho e o sustento da família. Nesse sentido, podemos estabelecer alguns vínculos entre o surgimento das cidades históricas em nosso Estado e o surgimento da cidade e da região em que vivemos.

### **Antigas cidades, novos olhares**

Em “As cidades e a memória”, texto de *As cidades invisíveis*, o escritor Ítalo Calvino conta que o viajante que chega a Maurília é convidado a visitar a cidade atual, ao mesmo tempo que observa velhos cartões postais que retratam a Maurília antiga. O visitante deve preferir e louvar o lugar anterior, mas reconhecendo a prosperidade da nova cidade por onde caminha. A graça perdida da terra provinciana só então pode ser mais bem contemplada. Somente após sua transformação, pode-se sentir saudades do lugar anterior. Com as mudanças, “(...) os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos”.<sup>1</sup> A Maurília do passado, na verdade, era diferente e extinguiu-se. Dela, nasceu outra, não sua conseqüência cronológica, mas a que pode dialogar com a cidade anterior também chamada Maurília.

Nós também podemos observar a cidade em que vivemos por meio de fotografias antigas, de registros documentais e estéticos, por meio de vestígios do passado histórico que ainda podemos vislumbrar na alimentação, no vestuário, nas festas profanas e religiosas, em certos comportamentos sociais, na arquitetura de casas, igrejas, na configuração de estátuas, ruas e praças. Visitas a museus, pesquisas realizadas na internet, em bibliotecas, leituras em jornais e revistas, conversas com moradores antigos, estudos transdisciplinares entre as áreas de História, Geografia e Literatura, por exemplo, são ações que podem clarear o entendimento da experiência sócio-cultural do passado e nos fazer refletir sobre as ressonâncias dessa experiência anterior na realidade atual de nossa comunidade.

Podemos pensar também sobre as grandes diferenças entre a cidade antiga e a do presente, não apenas sobre os aspectos comuns. Seria interessante observarmos em que sentido o passado de nosso município dialoga com o passado de Ouro Preto, Sabará e Mariana. Poderíamos também refletir sobre como o presente de nosso município dialoga com essas cidades, com esse período histórico. Um jovem morador de alguma dessas três cidades pode indagar como a cidade do presente se apropria do legado histórico e cultural da cidade antiga ou mesmo como próprio espaço citadino atual apresenta tensões entre passado e presente.

Nosso olhar para a realidade, nossa percepção de mundo sempre se fazem a partir de um determinado lugar. Nossas reflexões, nossas maneiras de conceber a realidade, trazem a marca de nossos repertórios culturais, de nossa vivência e inserção no tempo presente. Nesse sentido, seria interessante, por exemplo, ao tratarmos da comemoração dos trezentos anos de três importantes cidades mineiras, tentar reinventar os olhares já existentes sobre essas cidades. Se pensamos sempre a partir de um determinado lugar, a partir das forças que interagem na

---

<sup>1</sup> CALVINO. *As cidades invisíveis*, p. 30-31.



contemporaneidade, torna-se sugestivo, em produções textuais, tratarmos não apenas dos valores nobres de Ouro Preto, Sabará e Mariana, mas de forma comparativa, procurar desvelar percepções a respeito do lugar onde vivemos, tentando descobrir aspectos inusitados, belos, grandiosos, mas também aquilo que é pouco conhecido ou pouco notado nos caminhos que percorremos diariamente.

Algumas perguntas podem ser úteis nesse trânsito pelas ruas da cidade e dos textos existentes sobre ela: alguém já escreveu ou escreve crônicas, poesias, contos em que a nossa cidade ou o nosso Estado surgem como personagens? Há pesquisadores, historiadores, ensaístas que tratam da cidade ou de questões relativas à cultura e à sociedade mineira? Há empresários, comerciantes, políticos, professores, médicos, grupos folclóricos, artesãos e artistas contemporâneos que enobrecem a identidade cultural do lugar onde vivemos? Ainda existem, na cidade, representantes de antigas profissões – sapateiros, alfaiates, carpinteiros, vendedores ambulantes, charreteiros, por exemplo – que desenvolvem o seu trabalho, em diálogo com a rapidez e o ritmo acelerado da modernidade e da sociedade de consumo? A partir dessa e de outras percepções sobre o lugar onde vivemos, podemos comparar esse olhar e essa memória sobre nossa cidade e nossa gente com a aprendizagem que podemos desenvolver a respeito de Ouro Preto, Sabará e Mariana, cidades não apenas do passado, mas que estão vivas e dinâmicas, redesenhando, no presente, sua vontade de futuro.

Quanto à ficcionalização das cidades, uma das maneiras de se trabalhar com a proposta de redação para o concurso – entre outros diversos gêneros –, podemos novamente mencionar o livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino. Em certo momento do livro, após ouvir relatos mirabolantes do viajante Marco Polo a respeito das cidades “existentes” em seu reino, Kublai Khan, percebe relações entre os lugares descritos a partir das viagens de Marco Polo e o mundo da fantasia, da imaginação. O imperador resolve, então, desmontar, mentalmente, a cidade matriz do viajante, a partir de onde este recria outras “cidades invisíveis”. Desconstrói pedaço por pedaço e a reconstrói ao seu modo, “substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os.” Em certo momento, o imperador interrompe as narrativas de Marco e se impõe também como um fabulador:

– De agora em diante, vou descrever as cidades e você verificará se elas realmente existem e se são como eu as imaginei. Em primeiro lugar, gostaria de perguntar a respeito de uma cidade construída em degraus, exposta ao siroco, num golfo em forma de meia-lua. Vou relatar algumas das maravilhas que ela contém: um tanque de vidro alto como uma catedral para acompanhar o nado e o vôo das andorinhas e desejar bons augúrios; uma palmeira que toca uma harpa com as folhas ao vento; uma praça contornada por uma mesa de mármore em forma de ferradura, com a toalha também de mármore, preparada com comidas e bebidas inteiramente de mármore.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> CALVINO. *As cidades invisíveis*, p. 43.

Ao ouvir tal descrição, Marco Polo, estabelecendo vínculos com imperador a partir da capacidade de ambos transitarem por mundos fantásticos, assinala: “– Você estava distraído. Eu lhe falava justamente dessa cidade quando fui interrompido.” Em seguida, Kublai Khan, tomado pelo transe poético, assinala: “ – Você a conhece? Onde fica? Como se chama?” A pergunta abre novas janelas para a continuação do discurso inventivo de Marco. Este, assim como Scherazade, protagonista de *As mil e uma noites*, imaginava uma nova história em cada passagem da história que estava narrando.<sup>3</sup>

### **História, histórias e identidade**

Voltando novamente a lente para nossas cidades históricas, sabemos que durante o “Ciclo do Ouro”, fortunas fizeram-se e ruíram-se, sonhos surgiram e esmoreceram, posições nobres foram alcançadas enquanto muitos não sabiam o real valor da expressão dignidade humana. Nos decênios finais do século XVIII, contrariados com a política de impostos praticada pela coroa portuguesa, alguns habitantes de Minas Gerais se reuniram. Entre eles havia políticos, religiosos, profissionais liberais, fazendeiros, poetas, advogados. Queriam reescrever a História, recontá-la sobre outro ponto de vista. Desejavam reinventar não apenas o Estado de Minas Gerais, mas um país. “Libertas quae sera tamen”. O lema dos mineiros que, conjurados, sonhavam uma nova terra, uma nova pátria, parece estar inscrito na aura que emana dos pórticos e altares esculpidos por Aleijadinho, dos tetos pintados por mestre Ataíde, da paisagem exuberante da Serra do Espinhaço, do lume solar que, vazando a neblina, anuncia novo dia, descortinando sobrados de uma cidade barroca.

Ao andarmos pelas cidades históricas de Minas e conversarmos com os seus moradores, percebemos que esses lugares também guardam outros signos de pertencimento: o acanhamento aliado ao bom humor, a desconfiança aliada à hospitalidade, a ponderação aliada à firmeza dos atos. A calma conversa no bar ou na varanda das casas acaba revelando dados da alma mineira: mesmo tendo sido calado em algum momento longínquo, o mineiro continua sorrateiramente a cantar sua utopia, com o seu sotaque típico, por vales, veredas, montanhas, cerrados e campos gerais. Parece querer levar adiante, às vezes a distantes paragens, o ideal liberdade que coroava a aventura daqueles homens do passado. Cecília Meireles, no livro *O Romanceiro da Inconfidência*, assim menciona a relação entre as palavras Minas, mistério e liberdade:

---

<sup>3</sup> Cf. BENJAMIN. O narrador, p. 211.

Correm avisos nos ares.  
 Há mistério, em cada encontro.  
 O Visconde, em seu palácio,  
 a fazer ouvidos moucos.  
 Quem sabe o que andam planejando,  
 pelas Minas, os mazombos?  
 A palavra Liberdade  
 Vive na boca de todos:  
 Quem não a proclama aos gritos,  
 Murmura-a em tímido sopro.<sup>4</sup>

Este concurso de redação nos faz refletir sobre o espaço habitado, sobre algumas maneiras de experimentarmos os percursos da cidade, desvelando suas memórias, seus segredos, suas narrativas, sua identidade. Esses aspectos devem ser perscrutados, levando-se em consideração não apenas os grandes relatos, os monumentos, eventos e documentos, mas também trazendo à cena os fragmentos de lembrança, os vestígios e detalhes que nos permitem reinventar não apenas o espaço urbano mas também o modo como nos relacionamos com ele, com os outros habitantes, a maneira como nos inserimos nesse território. Diversos escritores e poetas debruçaram-se sobre o tema da cidade, sobre o gesto de caminhar por vias citadinas. Seria interessante exercitar modos de observar o espaço público com o auxílio de conceitos aprendidos com o estudo oficial, mas sem desprezar o acaso, a experiência cotidiana, a sabedoria popular, as histórias que ecoam dos rostos talhados pelo tempo, sem menosprezar o senso comum, as percepções triviais, os sentimentos pueris e as reflexões íntimas.

Ao andarmos pelas ruas e avenidas de nossa cidade, podemos pensar sobre quais são os detalhes, as sutilezas, os traços do passado ainda presentes, os testemunhos do trabalho humano que ficaram como resíduos do tempo vivido e nos ajudam a entender melhor o espaço em que vivemos.

Seria importante redescobrir detalhes de casas e edifícios, de jardins, de praças, olhar para certas figuras e paisagens como se as estivessemos vendo pela primeira vez. Esse trajeto, feito à maneira de um “flâneur” que transita de modo mais lento e menos fincado nas obrigações burocráticas e nos compromissos financeiros, poderia trazer um maior conhecimento a respeito da cidade, dos notáveis que aí vivem, mas também a respeito dos operários, dos homens comuns – atores sociais que construíram e constroem, dia-a-dia, a imagem da cidade em que vivemos. Walter Benjamin, ao abordar a psicologia do flâneur, cita o pequeno trecho:

As cenas inapagáveis que todos nós podemos rever fechando os olhos não são aquelas que contemplamos com um guia nas mãos, mas sim aquelas a que não prestamos atenção, que atravessamos pensando noutra coisa, num pecado, num namorico ou num dissabor pueril. Se vemos agora o pano de fundo é porque não o víamos então. Do mesmo modo, Dickens não recolhia em seu

4

MEIRELES. *O romanceiro da Inconfidência*, p. 104.

espírito a impressão das coisas; era ele quem imprimia o seu espírito nas coisas.<sup>5</sup>

Nesse caminho real e imaginário, poderíamos nos perguntar se ainda existem, na cidade de hoje, pedras do antigo calçamento por onde passaram os habitantes pioneiros que um dia vieram para a cidade sonhando fortunas e ilusões. Que signos do presente, que objetos da contemporaneidade podem ser mesclados aos dados culturais do passado para que a identidade cultural seja vista de modo dinâmico? Quais são as relações possíveis de serem estabelecidas entre os símbolos de pertencimento que nos ligam afetivamente à nossa cidade e os elementos que fizeram de nossas cidades históricas um marco da identidade mineira?

Podemos também pensar na coragem da invenção, na ousadia de criação de novos “espaços”, dentro do espaço existente, tal como fizeram os artistas barrocos e os poetas árcades que viveram nas cidades histórias mineiras. Para que tal exercício criativo seja estabelecido, não podemos deixar de lado as pesquisas e os estudos sérios a serem realizadas. Devemos, ainda, ter todo o cuidado com as cópias, os plágios, para que o texto final tenha realmente estrutura e conteúdo originais e autênticos.

Em relação à identidade cultural mineira, como ela se mostra presente atualidade? Ela aparece apenas em objetos, signos, patrimônios materiais e imateriais consagrados pela tradição – como em igrejas, casas coloniais, paisagens montanhosas, trem de ferro, pão de queijo, feijão tropeiro, toada e congado, ou pode estar presente também em construções artístico-culturais ligadas, por exemplo, a certa devoração crítica e reconfiguração artística do rock and roll? Poderia ser notada na videoarte, no balé contemporâneo, em instalações artísticas do presente? Ainda existem criações que efetuam mesclas entre inovações discursivas, características estéticas universais e ingredientes da cultura local, como pode ser observado nas obras literárias de Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa?

Seria interessante refletirmos também a respeito do enigma a que muitos chamam de mineiridade. O jeito mineiro de ser estaria calcado em análises dos comportamentos tradicionais ou pode ser vislumbrado em manifestações políticas, em expressões cotidianas da juventude na contemporaneidade? O termo mineiridade ainda possui valor conceitual para se pensar a identidade de Minas Gerais nos dias atuais? Essas são algumas questões que poderíamos levantar nas pesquisas e debates que tenham como finalidade a produção de uma redação sobre o tema “Eu, minha cidade e os 300 anos do ciclo do Ouro em Minas.”

---

<sup>5</sup> CHESTERTON, G. K. *Dickens* (vidas de homens ilustres). Apud: BENJAMIN. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, p. 213 e 214.

## Espaços de cultivo e de invenção

Segundo o estudioso Alfredo Bosi, “as palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo*”. Esta palavra teve como significado, em latim, “*eu moro, eu ocupo a terra e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo.*”<sup>6</sup> Habitação, território e trabalho/produção mesclam-se, portanto, na raiz da palavra cultura. Hoje em dia, ainda temos muitas manifestações da tradição popular mas, principalmente na cultura urbana, a chamada “indústria cultural” e os aparatos tecnológicos virtuais fazem com que, muitas vezes, se percam o *ethos*, o compartilhamento presencial, a relação de identidade coletiva que existiam nas expressões culturais mais antigas. Por outro lado, a vida moderna quebrou muitos preconceitos inerentes à tradição, trouxe a integração entre povos e culturas, ampliou os horizontes humanos, provocando uma revolução nos antigos critérios espaciais e temporais.

Os caipiras mineiros, nos sertões e pequenos municípios, ao contarem seus “causos” e cantarem suas modas estão a criar ou a cultivar elementos de identificação comunitária. Os “rappers”, ao se encontrarem para expor seu canto falado, ritmado, através da “dança quebrada” e de um vestuário comum também estão, nas cidades maiores, em busca de uma identidade cultural que lhes dê um suporte, um “lar” na vida labiríntica das cidades. A identificação se faz pela troca comum de símbolos que fazem com que certas pessoas se sintam pertencentes a uma certa comunidade, a uma determinada “tribo”.

Além dos estudos formais, da arte de andar pelas ruas do passado e do presente, por cidades existentes ou imaginadas, olhando as nuances da paisagem, as pequenas inscrições desenhadas pelas mãos do homem ou da natureza, é importante também aprender a arte de ouvir, ouvir as diversas vozes, consonantes e dissonantes que circulam no multiculturalismo contemporâneo. Talvez a melhor maneira de se pensar a identidade é a partir de uma concepção relacional e contextual, colocando as relações, as trocas identitárias como ponto central das análises, em oposição à busca de uma suposta essência que poderia definir uma certa identidade.<sup>7</sup>

Propostas educacionais, como a deste concurso de redação, tornam-se uma ótima oportunidade para os jovens estudantes descobrirem e revelarem marcantes percepções identitárias, aprimorarem as relações com a memória do passado e os repertórios do presente, estabelecerem novas formas de interação com o espaço público da cidade onde vivem. Envolvendo-se com o tema da redação, os alunos terão

---

<sup>6</sup> BOSI. *Dialética da Colonização*, p. 11.

<sup>7</sup> Cf. SARLO, Beatriz. *Tempo presente*, p. 223.

a oportunidade de compreender melhor o sentido da palavra cidadania. Projetos dessa natureza podem contribuir para o desenvolvimento da habilidade argumentativa, para o aprimoramento da sensibilidade ética e estética dos educandos. Dessa forma, poderemos acreditar que os sonhos de liberdade do passado nunca envelhecem e podem voltar a florescer, a ganhar novas modulações por meio do discurso crítico e criativo da juventude contemporânea.

Roniere Menezes é doutor em Literatura Comparada pela UFMG e professor de Língua Portuguesa e Literatura do CEFET-MG. Em 2011 lançou o livro *O traço, a letra e a bossa: literatura e diplomacia em Cabral, Rosa e Vinicius*, pela Ed. UFMG.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 11.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CHESTERTON, G. K. *Dickens* (vidas de homens ilustres). Apud: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. 3).
- MEIRELES, Cecília. *O romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1989, p. 104.